



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **Folclore em São Luis: Das lendas populares ao boi midiático<sup>1</sup>**

*Marla Cristiane Araujo Medeiros*

Universidade Metodista de São Paulo  
São Bernardo do Campo-SP  
2002

### **RESUMO**

Neste trabalho nos deteremos em apresentar algumas definições de folclore ditas por folcloristas da Fundação Joaquim Nabuco de Recife, e em seguida mostraremos como está estabelecido a relação entre o folclore e a mídia na cidade de São Luís-MA. Para atingir nosso objetivo faremos um recorte do assunto, relatando duas lendas em especial, porque são representativas na capital e nasceram na cidade e em seguida realizaremos uma análise do bumba-meu-boi. Tanto as lendas como o Bumba-meu-boi demonstrar o fenômeno de folkcomunicação e de folkmídia manifestando-se em excelência na ilha de São Luis.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP17 – Núcleo de Pesquisa Folkcomunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



A produção deste trabalho partiu inicialmente de uma busca específica sobre a temática “Folclore”. Percebemos que os pesquisadores costumam fazer pontes importantes desta temática com outras áreas. O folclore, enquanto fenômeno da sabedoria popular passeia em áreas tais como Antropologia, Sociologia entre outras. Por isso o folclore torna-se a manifestação multifacetada, com imbricações em vários segmentos sociais.

Construímos este estudo a partir de ensaios de vários pesquisadores que trataram a temática do folclore em sua relação com outras áreas . A fonte para obtenção dos sete ensaios sobre folclore foi obtido do clipping da Universidade Metodista de São Paulo sobre publicações da Fundação Joaquim Nabuco de Recife em Pernambuco e duas matérias do jornal Diário do Grande ABC. O critério para escolha dos ensaios teve como rigorosidade, a palavra “Folclore” como foco principal.

O antropólogo João Hélio Mendonça refere-se ao folclore como “fenômeno extenso, dinâmico, rico e muito diversificado que no Brasil caminha constantemente junto com a religião.” A unidade religiosa que firmou-se aqui, desde o início da colonização, condicionou e favoreceu o estabelecimento de um catolicismo com expressão religioso dominante, inteiramente acomodado e penetrando, com seus valores, em todos os setores da vida social. Constitui-se como um catolicismo tradicional, rural, impregnado de conteúdos e expressões populares que existiu e existe no país. Embora, ao longo do tempo o monopólio do catolicismo tenha perdido força nas manifestações folclóricas de muitas festas religiosas do país ganhando espaço os cultos africanos e místicos.

O campo do folclore estende-se a todas as manifestações da vida popular, desde o traje, comida, habitação, as artes domésticas, as crendices, os jogos, danças, as



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

representações, poesia e o linguajar; “ o folclore nunca morrerá, esta manifestação popular sobrevive justamente por estar presente nas coisas mais simples” (MENDONÇA,1978,s/p).

Outro pesquisador, Edval Marinho diz que no folclore está contida a essência nacional onde encontramos “fontes de nossa origem e expressão de sentimentos do povo com ligações históricas, não escritas, porém transmitidas pela oralidade, tornando-se tradição.” Para ele o folclore é de grande importância na reconstituição das origens sociais e culturais quando trata-se de explicar o homem através do seu relacionamento no grupo. Podemos dizer que ele atinge uma dimensão antropológica.

Uma matéria de 19 de agosto de 1984 realizada pela repórter Virginia Pezzolo do Jornal do Grande ABC São Paulo, mostra que os especialistas divergem no que diz respeito ao campo deste estudo, alguns folcloristas vêem o folclore como um fenômeno restrito apenas à cultura espiritual, outros lhe confere maior abrangência, incluindo todas as manifestações espontâneas do espírito e da matéria. Na mesma matéria a repórter resgata um documento intitulado: “Carta Brasileira de Folclore” aprovada em 1951 no Rio de Janeiro que condenou o preconceito de considerar folclórico um fato espiritual e aconselhou o estudo da vida popular em toda sua plenitude. O folclore é também abordado pela matéria com a forma pioneira, na falta de documentação histórica, de reforçar o estudo da expressão do sentir, do pensar e do agir do homem em sociedade, e isto vem sendo assinalado desde a antiguidade.

Segundo a matéria, na Grécia, as obras de Evêmero e de Pausânias já versavam sobre temas de folclore. A história mostra que o valor da literatura oral e seu amplo significado na psicologia dos povos tiveram dois marcantes defensores: os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, com as obras lendas alemãs, em 1816 e contos de fadas infantis, em 1814. O verdadeiro criador da expressão folclore foi o arqueólogo inglês Willian John Thoms, que publicou pela revista Athenauen, de Londres, em 1846, ele propôs que se designassem essas antiguidades populares com duas raízes saxônicas, Folk(povo) e lore(sabedoria). A palavra ganhou aceitação com poucas exceções. Como na Alemanha que prefere a expressão Volksbunde.



Especialmente no caso do Brasil, pela sua variada etnia, que a faz um país com folclore dos mais ricos e diversificados do mundo. Esta concepção, Folk (Povo) lore (sabedoria) parece bem mais pertinente como proposta que dê conta dos vários fenômenos que ocorrem no Brasil.

O folclorista Mario Souto Maior relata em seu artigo à Fundação Joaquim Nabuco(1976), que a participação do negro na vida brasileira é imensurável. A força de seus braços nos deu a cana de açúcar, o cacau, o café, o milho, o algodão, os minérios, o feijão. Todos os acontecimentos históricos contam com a participação do negro. Ele reforça que o folclore brasileiro tem seu lastro maior na herança do português colonizador. Os índios, por sua vez, mais filósofos do que os negros, sempre foram batuqueiros, e nos legaram muitas lendas explicando a origem das coisas terrenas e sobrenaturais; feitiçarias e pratos ligados à mandioca. Depois da contribuição portuguesa, Souto Maior diz que a participação do negro no folclore brasileiro é a mais importante, quantitativa e, mesmo qualitativamente. Uma contribuição mais musical do que oral, rica em ritmo. Ele exemplifica com a dança do coco, o samba, o maracatu, a capoeira, o bate-coxa, a batucada, o batucajé, o bumba-meu-boi, o esquentamulher, os caiapós, o carimbo, as superstições, os tabus, os fetiches, são do negro. Fortemente influentes no nordeste brasileiro.

Gilberto Freire passa por este trabalho estabelecendo a relação entre Sociologia e Folclore, ele cita um acontecimento que ocorreu numa Universidade americana onde o professor afirmou que “a língua falada muda menos que a língua escrita”. Ao contrário do que se pensava, pois a língua escrita dava a idéia de maior estabilidade ou fixidez que a outra, simplesmente, falada. Entretanto, o tal professor exemplificou a língua falada como a do povo iletrado do interior, a do homem do campo, a do analfabeto das montanhas, ou dos sertões seria a conservadora, que se preserva. Em oposição está a revolucionária que é a erudita, a literária, a escrita. Gilberto Freire analisa partindo disso que:

Num país como o Brasil, a história da sociedade e da cultura nacional não basta o documento histórico ou literário, o papel escrito, o material de arquivo ou biblioteca. Mais do que nos países de longe passado erudito, como França ou Itália impõe-se no caso do Brasil, a reconstituição do



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

passado social e cultural na nação e dos elementos extraliterários. Desse conjunto o folclore é elemento valiosíssimo. (Freire, 1976, s/p)

Gilberto Freire fala de uma relação sociológica onde “a condição iletrada do povo assume o papel de mantenedora de uma ordem cultural herdada,” e o exemplo manifestado pela oralidade perdura a por várias gerações preservando as raízes.

E ele confirma:

A relação sociológica se faz quando a reconstituição das origens social e de cultura permite ao sociólogo estabelecer relações e explicar o homem através de suas situações e relações nos espaços e nos tempos sociais (FREIRE, 1976s/p).

O estudo do folclore no Brasil teve as primeiras coletas folclóricas, segundo a matéria do jornal do Grande ABC de 19 de agosto de 1984, inseridas na literatura de Celso Magalhães, Couto de Magalhães e José de Alencar. No entanto, a honra de ser considerado o pai do folclore brasileiro é atribuído a Silvio Romero. Mas recentemente a matéria cita como destaque Joaquim Ribeiro, Alceu Maynard, Luis da Câmara Cascudo considerado um folclorista mestre. E Gilberto Freire complementa com autores que, nas suas pesquisas sobre folclore, deram o sentido sociológico. Ele cita Basílio de Magalhães, o professor Artur Ramos sobre o folclore afro-brasileiro, dos srs. Gustavo Barroso, sobre folclore sertanejo, Joaquim Ribeiro, Luis da Câmara Cascudo, cuja obra já se tornou notável, Cecília Meireles além de Silvio Júlio, Osmar Gomes, José Calazans e outros. Na opinião de Gilberto Freire o estudo de folclore apresenta extraordinário valor para o sociólogo, a sinergia ocorre porque o sentido sociológico de pesquisa folclórica e de interpretação de material folclórico é, igualmente, de imenso valor para o folclorista.

Esta inovadora atitude propõe o primeiro passo para uma política da boa vizinhança entre as ciências sociais. Que para Gilberto Freire tornam-se sociáveis e proporciona um maior intercurso entre os especialistas.

A participação dos pesquisadores acima citados confirma uma idéia, a de que o Brasil é um país marcado por muitas diferenças culturais, mesmo tendo a base religiosa



católica, o vasto território nacional criou dentro de um mesmo país muitos mundos culturais completamente distintos, e esta distinção passa pelas raízes herdadas dos povos os quais descendemos. Existe um fato inusitado no Brasil no que se refere ao folclore, é a adaptação regional marcada pelas diferenças climáticas do extenso território, diferença de cultura alimentar e uma noção de temporalidade bastante evidente quando comparado a grupos sociais mais urbanos e outros extremamente isolados de grandes centros, estes apresentam –se como fatores estruturais de constituição do folclore. São essas sabedorias que fazem o fenômeno folclore tornar-se, no Brasil, genuinamente uma identidade que jamais foi homogênea e tem a marca de sua riqueza na ênfase das diferenças culturais, fruto do cruzamento de muitos povos.

Hoje, o estudo desta área preocupa-se com a hibridação da cultura popular visto que o contexto social e tecnológico está aproximando grandes distâncias permitindo a penetração de práticas massivas que interferem na constituição da vontade popular. Esta interferência é inevitável faz parte do processo maior das sociedades. No entanto, muitos pesquisadores comungam da idéia de que se esse processo é inevitável, ao menos que seja mantida a raiz das manifestações e da sabedoria popular porque caso ela se perca perde-se os referenciais que dão sentido a nossa história, não só aquela que nos construiu, mas principalmente a que sucede esse tempo. O povo que perde sua identidade perde sua capacidade de construir cidadãos críticos, de construir cidadania de se reportar ao passado na busca de construir o futuro. Acreditamos que os autores citados acima mostraram esta perspectiva da história.

### **Em São Luis ecoam .... os tambores dos bois e as lendas populares**

São Luis é a capital do Estado do Maranhão, fundada em 1612 por franceses, ela tem como marca histórica a mistura do povo negro, índio e os brancos colonizadores, aqui estiveram Franceses, Portugueses e holandeses. Mas nossa maior herança é portuguesa. A ilha, como deduzimos, não é só cercada de mar por todos os lados, mas também por lendas que são consolidadas no seu folclore. Ao chegar em São Luis uma áurea de identidade cultural toma conta de qualquer pessoa. A ilha possui uma variedade muito grande de



manifestações culturais e é na realização e no ato de se manifestar que ocorre a Folkcomunicação e a folkmídia.

Foi ao entender o que diferencia culturalmente um povo que, Luis Beltrão, jornalista pernambucano defendeu sua tese sobre a comunicação dos marginalizados. O gosto popular se diferencia pelas suas crenças, cultos e isto relatam sua vivência, num âmbito maior, é justamente por esta peculiaridade que a mídia manifesta-se, pois o povo ludovicense expressa sua cultura com forte influência folclórica durante praticamente o ano inteiro.

Para entender melhor como esta cidade vive submersa de folclore, relataremos abaixo duas lendas cantadas em cordel que expressam essa genuinidade:

### **São Luis e a serpente**

Debaixo de São Luis

Diz-se existir uma serpente,

É o que o povo diz

Que assusta muita gente.

Debaixo dos pés da santa

É que ela está presa

Dalí ela não sai

Disso o povo tem certeza.

É lá na igreja da Sé

Que sua cabeça está colocada

Portanto, o povo tem fé

Que ela está bem segurada.

É por causa dessa serpente

Que São Luis é encantada



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Se não fosse Nossa Senhora  
Ela já tinha sido inundada.

Como relata o cordel um forte teor de religiosidade compõe está lenda e por ela a cidade recebe o status de encantada, protegida donde por este rótulo decorrerão várias outras histórias populares que permeia o imaginário social dos ludovicenses. A outra lenda chama-se:

### **Lenda de Ana Jansen**

Aqui viveu Ana Jansen  
No Estado do Maranhão  
O povo ainda lembra-se  
De toda sua judiação.

Ela fez muita coisa  
Diz-se ser só realidade  
Tudo o povo conhece  
Do interior e da cidade.

Ainda existe o poço  
Que ela jogava até escrava  
Se desconfiasse que seu marido  
Com a escrava namorava.

Seus escravos apanhavam  
Com toda rigidez e ingratidão  
Tudo isso eles sofriam  
Em São Luis do Maranhão.



Foi a mulher mais malvada  
Que no Maranhão já viveu  
De bem nunca fez nada  
Nem depois que morreu

Ainda depois de morta  
Atormentava a cidade  
Correndo com sua charrete  
Tudo isso por maldade.

Aqui em Maracanã  
O povo desta localidade  
Diz que a maquiavélica  
Sai daqui até a cidade

Quando isso se repetia  
Sempre aqui ela passava  
Pela Estrada Vitória  
Era que ela mais passava

Assim que ela andava  
Seguindo sua viagem  
Só quem abria a janela  
Aquele que tivesse coragem  
Sua luxuosa charrete  
Era escravo que puxava  
E com um grande chicote



ela os chicoteava.

Quando vista pelo povo  
Logo era identificada  
Não queriam ver de novo  
Aquela mulher malvada.

Quando tinha um lameiro  
Os escravos tinham que deitar  
Para ela passar por cima  
Pra charrete não sujar.

A personagem desse cordel existiu e viveu em São Luis por volta de meados do século XVIII, foi uma dama rica que desafiava o poder dos homens, tinha expressão política, era enérgica, corajosa e por isso era odiada por muitos. A sua maldade, como é relatado no cordel, é muito mais uma característica daquela época escravista do que exclusivamente desta personagem, no entanto, ela levou a fama, acreditamos, por ser uma mulher a frente do seu tempo, com posturas desafiadora numa sociedade onde o homem detinha extremo poder.

Diante do que apresentamos nessas duas lendas, acreditamos ser claro a nostalgia folclórica em que a cidade é envolvida. Os mídias, notando esse diferencial, apostaram, nos últimos dez anos, na divulgação e ratificação da cultura popular maranhense tanto para os próprios maranhenses como para o país, levantando o status de patrimônio Cultural e folclórico fortalecendo a identidade cultural.

Neste pacto do folclore com a mídia, o espetáculo tem como atores principais o Bumba-meu-boi que leva o status de representante da cultura nas festas juninas, e como coadjuvantes, neste cenário, as manifestações religiosas, as lendas e o carnaval (de rua), intensamente trabalhados nos meios de comunicação de massa local e regional, já a alguns anos. É importante dizer que o principal viés de sucesso do governo atual no Estado, dar-se



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

pelo intenso apoio às manifestações populares, uma estratégia que consagrou o governo e definiu sua popularidade.

Sobre o Bumba-meu-boi, manifestação folclórica de destaque, MARQUES(1993) diz que ele é um fenômeno enraizado no tecido social da cultura maranhense e

“constitui uma presença única com vários sentidos, sendo una e múltipla ao mesmo tempo, mas com diferenças sutis que transparecem nas interações que promovem com os outros autores sociais”( MARQUES,1993).

Hoje, no entanto, é a própria mídia que toma para si o “papel de guardião da linguagem popular” referendando o Bumba-meu-boi como a principal manifestação-símbolo do Maranhão e definindo a cada notícia o seu espaço folclórico midiático. A mídia seleciona no conjunto dos acontecimentos ligados ao boi, “aqueles que têm o seu sentido em transição e em relevo e, portanto, acessível a um consumo cultural específico.”

Conforme CERTEAU apud Marques(1993), Há uma produção racionalizada,expansionista,centralizada,estrondosa e espetacular, seria algo genuíno do povo, que se relaciona com uma outra qualificada para o consumo. Esta é “ardilosa,dispersa,insinuante,silenciosa” e quase invisível, ela não assinala sua presença com produtos próprios, mas com maneiras de utilizá-los em uma ordem econômica.

Isto pressupõe, como parte da lógica de produção das indústrias culturais, pois segundo MARQUES(1993) o sentido midiático desloca a simbólica do fenômeno cultural de suas funções básicas dando-lhes novas atribuições em função das exigências dos atores sociais das indústrias culturais. Esses autores sociais, podemos destacar, seria a indústria turística e seu apêndice mais importante: a difusão cultural

É como produto e não como prática ritual que o bumba-meu-boi é apresentado como espetáculo turístico e portanto desprovido de parte de seus elementos básicos(...) (MARQUES,1993p.228).



A autora ainda diz que é através desta estratégia que os autores sociais garantem a visibilidade dos seus acontecimentos na mídia, ao mesmo tempo em que abrem espaço para que a própria mídia promova a sua imagem a partir destes acontecimentos, dando-lhes uma aura populista ou popularesca.

Portanto, a interação da mídia com a manifestação é estruturada por uma relação simbiótica desigual, onde a mídia está interessada na necessidade de produção de um mercado cultural, pouco vinculado ao enraizamento comunitário do gênero Bumba-meu-boi. Numa passagem pela sua reflexão MARQUES aponta que

(...)para manter o controle sobre a criação cultural, a mídia articula suas dimensões de distribuição e produção em série para assegurar o sucesso das criações artísticas pois, apesar da riqueza criativa das estratégias, a difusão popular artesanal é inferior em qualidade à organização das industriais culturais(1993 p.229).

No momento que essas estratégias ganham visibilidade pública a mídia, novamente dá o tom para “ legitimar este ou aquele produto, selecionando-os de modo heterogêneo conforme suas especificidades,originalidades,expressões simbólicas,riquezas de formas e garantia de alto consumo.” Ela então torna-se “guardiã pública desse produto,deixando para o grupo apenas o papel de ator coadjuvante”.(p.229)

É segundo esta análise teórica que explanados acima que os mídias do Estado do Maranhão e mais especificamente em São Luis, realizam o fenômeno Folkmídia e constroem e ratificam as relações folclóricas e também as relações sociais e políticas porque, inevitavelmente, estão tratando com identidades culturais consolidadas e que, embora o povo não entenda a dimensão da questão como sociológica e ideológica, respondem aos interesses por eles( os mídias) criados.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## Referência Bibliográfica

### Livro

Luyten, Joseph. **O que é literatura popular**. 1ª ed. Brasiliense: São Paulo, 1984.

\_\_\_\_\_. **Sistemas de comunicação popular**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

MARQUES, Francisca Éster de Sá. **Mídia e experiência estética na cultura popular: O caso do bumba-meu-boi**. 1ª ed. São Luis: Imprensa Universitária, 1993.

### Artigos

AZEVEDO, Carlos Alberto. **Urbanização e Folclore**. 1976. Pernambuco, 2001.

CUNHA, B. Djason. **História e Folclore**. 1976. Pernambuco, 2001.

FREIRE, Gilberto. **Sociologia e Folclore**. 1976. Pernambuco, 2001.

**Folclore está presente nas coisas mais simples**. Diário do grande ABC. 21. ago. 1988.

MENDONÇA, João Hélio. **Religião e Folclore no Brasil**. 1978. Pernambuco, 2001.

MARINHO, Eval. **Folclore e Civismo**. 1976. Pernambuco, 2001.

MAIOR, Mário Souto. **O Folclore do Negro**. 1976. Pernambuco, 2001.

MACIEL, Ana Amélia. **Folclore: onde e como pesquisar**. 1978. Pernambuco, 2001.

PEZZOLO, Virginia. **Folclore: Legítima expressão da alma popular**. Diário do grande ABC. 19. ago. 1984.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002